

Resenhas

anarquismo além-mar. crítica ao estado e anarquismo em portugal | acácio augusto s. jr.*

Utopia. Lisboa, Associação Cultural A Vida. Números 9,10,11,12 e 13.

Fazer uma revista anarquista não é uma tarefa fácil. O mercado ávido por respostas prontas e imediatas não suporta a reflexão e a crítica, ainda mais quando esta é certa como a dos anarquistas. Portanto, é um prazer falar sobre uma revista portuguesa que faz e vive anarquismos, desde 1995. É possível criar espaços de reflexão e crítica, sem fazer coro com o rebanho uníssono e sem perder na redenção de ídolos.

Utopia é uma “revista anarquista de cultura e intervenção”. Assim ela se autodefine e assim ela é. É um

* Estudante de Ciências Sociais e integrante do Nu-Sol.

espaço de afirmação no qual se produz ação e palavra, já que uma não se desliga da outra. Refletindo sobre os acontecimentos da sociedade e as implicações do Estado moderno, entendendo-o como principal interessado em produzir guerras e situações de alarme para oprimir e controlar os indivíduos, a revista assume uma postura firme contra o Estado, com uma argumentação coerente e ousada. Utopia é um sopro de diferença, uma mostra que os anarquistas têm muito a dizer sobre os acontecimentos que tanto afligem a sociedade moderna e não passam de formas de perpetuar o Estado e o controle sobre os indivíduos. Isto não significa que encontraram uma análise fechada e um pensamento totalizado, acabado em suas páginas, pois assim como os anarquismos, *Utopia* pode ser várias sem abrir mão de um estilo próprio. É uma visão anarquizante do mundo. Coisa não muito comum, em um tempo onde a maioria só está preocupada em dizer e ouvir verdades únicas sobre o mundo e suas coisas.

A revista é editada pela Associação Cultural A Vida, um grupo de Lisboa. Traz artigos e entrevistas de pessoas do Brasil, Argentina, Espanha, França; enfim, pessoas que fazem e pensam anarquismos pelo mundo. Os números nove e dez (1999) trazem um dossiê sobre o caráter disciplinador do trabalho — que tenta nos transformar em cidadãos obedientes cumpridores de deveres —, a necessidade de se falar contra ele, e discussões sobre sindicalismo, tema histórico do anarquismo, sob uma perspectiva atual. A guerra como característica histórica do Estado, sendo a existência de uma condicionada à do outro.

A relação entre os Estados-modernos, a lógica do capital e as ações de guerra é o assunto central dos números onze e doze (este um número duplo em uma única revista, 2001). Mostra como o Estado se ajusta às novas condições objetivas da sociedade e se dilui no

cotidiano das pessoas. Colocar-se contra essa lógica, criando uma nova e também cotidiana, é uma forma de resistência encontrada.

O número treze data do primeiro semestre de 2002 e trata dos acontecimentos ocorridos no semestre anterior, o do famoso 11 de setembro. Mostra como a crítica anarquista pode tecer uma análise destoante das demais sobre tais fatos. Enquanto todos correm para justificar a violência, a revista vê a incapacidade da sociedade digerir seus conflitos: “Torna-se por demais evidente a total incapacidade da sociedade estatizada e hierárquica em conseguir erradicar a guerra e a pobreza, alterar o relacionamento humano ou criar uma sociedade mais fraterna e humana” e, “(...) só vem confirmar a tese anarquista da relação entre lógicas de Estado e guerra como condição permanente ao desenvolvimento da dominação e da sociedade de exploração” (Editorial, nº 13). O Estado é o monopólio da violência, todos o sabem. Sabem, também, que para se manter a dominação ele precisa guerrear. Então, se quiserem acabar com as guerras, acabem com o Estado.

Junto com os assuntos centrais a revista também discute o anarquismo, sua história, possibilidades de realizações no tempo presente, na vida cotidiana; traz resenhas de publicações sobre o assunto e divulga endereços de jornais, revistas, editoras e grupos anarquistas no mundo todo, além das já citadas entrevistas com pessoas importantes para história do anarquismo e artigos extraídos de outros periódicos. Poesia, fotos e gravuras recheiam as páginas da revista. Artigos mais ligados à realidade portuguesa são encontrados em todos os números, como uma matéria sobre a situação das prisões em Portugal (número 13), que mostra não haver diferença na maneira como o Estado trata os indesejáveis. Assim como no Brasil, ou em qualquer Estado, nas prisões portuguesas acontece de tudo e ninguém sabe

de nada: a falta de coragem da sociedade de encarar seus conflitos é a mesma.

Vivemos em uma época tenebrosa em que o pensamento se pretende universal e totalizador. Quem sair da linha é detonado. Os conflitos só se resolvem com uniformização, reforma, punição. As pessoas pedem cada vez mais polícia, Estado, controle, e não percebem que isso não resolve. Ter uma revista em circulação que fala contra o Estado, a polícia, a prisão, a punição, todo o aparato que não só nos mantém nesta situação, como nos empurra cada vez mais para o buraco, é uma satisfação, pois tem gente ligada na maneira como se anda deixando de perceber as coisas que acontecem debaixo do nariz de todo mundo: uma vida orientada no sentido da violência, onde cada vez menos se criam espaços de afirmação da vida. Utopia é um espaço onde isto é possível.

A partir deste último número, o 13, a revista passa de semestral para quadrimestral, com redução no número de páginas. Possui também um site na Internet, no endereço: www.utopia.pt. A revista é editada em preto e branco com capa colorida. Os contatos com a revista para assinatura, pedido de números anteriores, ou simplesmente para obter mais informações podem ser feitos pelo endereço eletrônico utopia@tande.com ou pelo correio: Apartado 2537-1113, Lisboa Codex .